

ATELIÊ BIOGRÁFICO COMO METODOLOGIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: TECENDO PRÁTICAS REFLEXIVAS E INVESTIGATIVAS

Renata Rosa Russo Pinheiro Costa Ribeiro; Edith Maria Batista Ferreira; Joselma Ferreira Lima e Silva; Francione Charapa Alves (Orientadora)

Universidade Estadual do Ceará (UECE) e-mail: renata.russo@uece.br; Universidade Estadual do Ceará (UECE) e-mail: joselmalavor@ifpi.edu.br; Universidade Estadual do Ceará (UECE) e-mail: edithribeiro75@gmail.com; Universidade Estadual do Ceará (UECE) e-mail: francionecharapa@gmail.com

Resumo

O presente artigo trata sobre a formação de professores em uma concepção do professor como sujeito que constrói o conhecimento a partir de sua experiência pessoal e profissional. Teve como objetivo discutir sobre as contribuições da metodologia Ateliê Biográfico para a formação de professores numa perspectiva crítica e investigativa. A questão problema que norteou a pesquisa foi: qual a percepção dos pós-graduandos sobre a sua vivência no Ateliê Biográfico para o seu processo formativo? A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa e teve como aporte teórico-metodológico Delory-Momberger (2006, 2008), Le Goff (2003), Josso (2004). Configuraram-se sujeitos da pesquisa três doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Os resultados desse estudo apontaram que a vivência do Ateliê Biográfico de Projeto potencializa os processos de formação dos professores considerando a relevância da pesquisa ao buscar interpretar, envolver e (res)significar a experiência nas histórias de vida pessoal e profissional dos participantes. Conclui-se que a história de vida compartilhada por participantes de um Programa de Pós-graduação em Educação permitiu uma apropriação por cada uma, de forma individual e compartilhada, seu próprio poder de formação, possibilitada pela união e o entrelaçamento de diferentes momentos de vida espalhados e dispersos no decorrer das trajetórias de vida pessoal e profissional. Assim, a metodologia do Ateliê favorece a formação de professores numa perspectiva científica, crítica e reflexiva.

Palavras-chave: Ateliê Biográfico de Projeto, Formação de Professores, Prática reflexiva.

Introdução

A formação de professores tem sido alvo de estudos e discussão nos últimos anos, sobretudo quando da obrigatoriedade da graduação instituída pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96. Desse modo, cresce o interesse dos pesquisadores pela questão, aumentando de forma expressiva a produção científica sobre o tema, a visibilidade na área, a existência de eventos e publicações especificamente voltadas para essa temática (MAIA, HOBOLD, 2014; ANDRÉ, 1999, 2001).

Esses estudos têm influenciado as agendas públicas a pautarem a questão da formação de professores, bem como orientado a elaboração de políticas educativas que se ocupem do professor, de sua formação e seu desenvolvimento profissional (GATTI, 2010). Contudo, somos sabedores que existem muitas concepções que têm orientado os processos de

formação de professores, indo aos extremos da racionalidade técnica à racionalidade crítica (PEREIRA, ZEICHNER, 2008).

Nesse trabalho fazemos a defesa de uma formação que se aporte nos princípios da racionalidade crítica. Nesse sentido, os processos formativos devem contribuir para que pensemos criticamente sobre a ordem social vigente, tomemos consciência dos valores e das significações ideológicas implícitas na organização do ensino. Segundo esse modelo de formação, é possível reconstruir a origem das nossas práticas, sua natureza e ao mesmo tempo desenvolver nosso papel como intelectuais rumo a uma prática crítica, transformadora e autônoma.

Para que os professores avancem para um processo de transformação da prática pedagógica emancipadora, é necessário um exercício permanente da reflexão crítica. Esse exercício pode ser desencadeado por meio de metodologias que tragam os sujeitos para o cerne do processo. As narrativas de formação permitem que o sujeito tome a si mesmo como objeto de reflexão, colocando-se no centro do discurso narrativo. Desse modo, passando pela narrativa a pessoa em formação pode reapropriar-se da sua experiência formativa, tomando consciência das escolhas e dos caminhos seguidos e reelaborando percursos. Assim, a narração constitui-se espaço em que o ser humano se forma, elabora e experimenta sua história de vida (DELORY-MOMBERGER, 2011).

O presente artigo objetiva discutir sobre as contribuições da metodologia Ateliê Biográfico de Projeto (DELORY-MOMBERGER, 2006; 2008) para a formação de professores numa perspectiva crítica e investigativa. Sua escrita foi motivada a partir da seguinte questão problema: qual a percepção dos pós-graduandos sobre a sua vivência no Ateliê Biográfico para o seu processo formativo? Trata-se de uma reflexão sobre o uso dessa metodologia junto a três alunas do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) que se constituíram sujeitos de uma pesquisa de pós-doutorado.

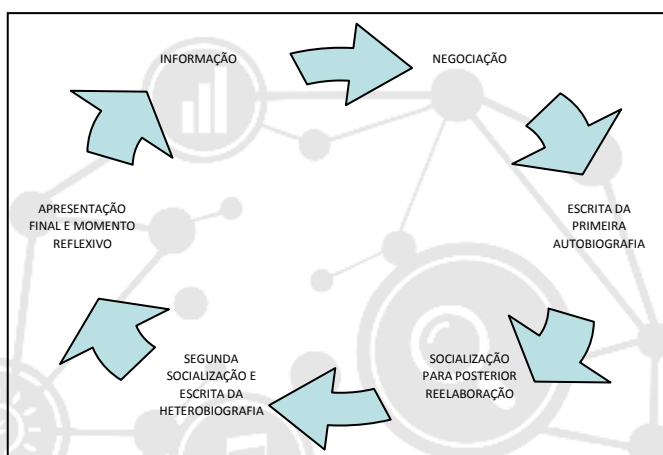
O texto foi estruturado em duas sessões, além da introdução e conclusão. Na primeira apresentamos a metodologia, destacando a natureza e o tipo da pesquisa realizada. Posteriormente, trazemos os resultados e as discursões que foram organizados em subtópicos, evidenciando os achados do estudo.

Metodologia

A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa e teve como aporte teórico-metodológico os construtos de Delory-

Momberger (2008), criadora do *Ateliê Biográfico de Projeto* que consiste em um procedimento metodológico que trabalha com autobiografias de formação. O ateliê, em sua proposta original, deve ser realizado com no máximo doze pessoas¹, e deve ocorrer em seis etapas, conforme representadas na figura abaixo:

FIGURA 1 – Representação cíclica das etapas



Fonte: Elaboração Própria

Na primeira etapa ocorre a informação sobre os objetivos propostos para o Ateliê e de como ocorrerá a pesquisa. Em seguida, temos a segunda etapa que consiste na laboração, negociação e ratificação coletiva do contrato biográfico (oralmente ou por escrito), as quais se materializaram no primeiro encontro com os participantes, sendo permeada por dinâmicas de interação, para assim partir para a escrita da primeira narrativa autobiográfica identificada como socialização, que se configura como terceira etapa. Na quarta etapa acontece o momento de socialização da primeira escrita. Aqui, o participante narra, sem fazer a leitura literal do texto, e os outros poderão intervir com questionamentos, para fins de esclarecimentos e contribuições, ao final da sessão. Após a apresentação das narrativas, cada um levará as contribuições para a reelaboração do texto.

Após alguns dias e depois de ter feito a reelaboração do texto, o participante faz a segunda socialização, constituindo-se a quinta etapa. Com base nos questionamentos feitos pelos outros colegas no encontro anterior, o participante faz as modificações e acréscimos que considerou pertinentes e assim procede à leitura do seu texto para todos e à medida em que ele lê, outra pessoa escolhida previamente irá reescrever a sua história de vida, a *heterobiografia*, que também tem um tempo previsto no encontro para que seja escrito, e ao final será lido.

¹ No caso desta investigação da qual participamos, houve uma adaptação. Foi realizada com cinco grupos de três pessoas, separadamente. Esclarecemos que foram realizados cinco grupos de três pessoas na pesquisa, o que corresponde a cinco Ateliês Biográficos de Projeto. Entretanto, este artigo é fruto de reflexões de apenas um dos grupos.

Assim, o participante, ao ouvir a sua história sendo reescrita pelo outro, poderá fazer muitas reflexões que poderão fazer parte da última escrita de sua narrativa. Após alguns dias, ocorre a última etapa, o sexto momento, em que se procede à leitura da escrita final e a partir desta serão feitas as reflexões em grupo.

Isto posto, explicamos como ocorreu a adaptação da metodologia proposta por Delory-Momberger (2008) nesta pesquisa. Este Ateliê ocorreu com três alunas doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Reiteramos que a adaptação foi necessária devido ao tempo disponibilizado pelos participantes que tinham inúmeras atividades do doutorado. Assim, os Ateliês foram organizados em três encontros, explicitados a seguir.

No primeiro encontro ocorreu a apresentação da proposta investigativa, seus fundamentos teóricos, objetivos e procedimentos metodológicos. A pesquisadora solicitou a permissão para a gravação das falas, imagens; exposição de nomes, apresentou, ainda, as regras de funcionamento: participação de todos os encontros, prestar atenção à narrativa do outro e participar quando necessário. Nessa etapa, foi explicitado que se tratava de uma fala social e conscientizada na relação com o outro, pois é uma orientação da própria Delory-Momberger (2008) que o pesquisador evite a ocorrência de deslizes de ordem terapêutica, apesar de desenvolver uma estreita relação de respeito e sigilo, consigo e com o outro no grupo (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Para trazer as pessoas e fatos à memória dos participantes, a pesquisadora trouxe poemas, músicas em um instrumental que as fez pensar sobre essa relação presente, passado, futuro. Também solicitou que trouxessem objetos que representam um pouco de si. Essa dinâmica foi criada com o intuito de gerar uma aproximação e um autoconhecimento do grupo, à medida que também geraria confiança e entrega. Neste momento aconteceu a primeira escrita biográfica e a primeira socialização que deveria ser narrada oralmente, sem leitura literal que propunha eixos para retrarmos nosso “percurso educativo, evocando as experiências no campo profissional e etapas de produção de conhecimento” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.101). No segundo encontro, ocorreu a segunda socialização do texto, desta vez já reescrito, após as reflexões dos colegas. Após esta leitura, a narrativa fora reescrita sob a perspectiva do outro que apresentou ao final e entregou o texto para que o participante refletisse sobre ele. No terceiro encontro, após reescrever o texto final, considerando a escrita percebida pelo colega, ocorreu um momento de apresentação das histórias e de reflexão das incidências em relação à vida do outro.

Ateliê biográfico como experiência de Formação: resultado e discussão

A metodologia adotada em nossa pesquisa foi o Ateliê Biográfico de Projeto que se constitui um procedimento dinâmico e prospectivo centrado nas histórias de vida dos sujeitos, possibilitando ligar o passado, o presente e o futuro, de forma, que segundo Delory-Momberger (2006), pretende fazer emergir o projeto pessoal dos partícipes, considerando a dimensão da narrativa como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de mudança aberto ao projeto de si.

O procedimento formativo acionado teve por objetivo explícito, portanto, colocar as três participantes do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em situação de extrair as contribuições da metodologia Ateliê Biográfico para a sua formação pessoal e profissional numa perspectiva crítica e investigativa. Vale ressaltar, que as participantes são identificadas com os codinomes de Tecelã, Rosa Vermelha e Caçadora, para garantir o anonimato da pesquisa.

Experiência com a metodologia: o convite

A experiência com o Ateliê é previamente suscitada pelas curiosas indagações que partem das suas convidadas: O que é isso? Para que serve? Como será participar? Nos atos da escritura de si (autobiografia) constata-se a expectativa: “[...] confesso que ao ser convidada a participar dessa experiência fiquei extremamente curiosa para entender o que aconteceria ao longo dos três encontros, porque o nome da proposta despertou em mim, desde o início, o desejo de vivê-la”. (TECELÃ).

Destarte, para a pesquisadora que propôs a metodologia e lançou o convite, é explícita a importância dos momentos vividos nos encontros, pois compreende referir-se a uma abordagem de formação que trata a pessoa de um modo não excludente, mas ao contrário, baseia-se na descoberta e na valorização de sua singularidade de forma científica, afetuosa, discreta e sigilosa, conforme atesta uma das participantes.

[...] foi preciso um convite afetuoso, verdadeiro e discreto para participar de uma desconhecida experiência acadêmica e conduzida de forma responsável recheada de cuidados e explicações científicas para possibilitar emergir e ressignificar os momentos e os movimentos vividos dos percursos formativos de três pessoas/mulheres/alunas do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). (ROSA VERMELHA).

Essa importância dada à “experiência individual está inserida em um movimento global que associa intimamente os formandos

aos processos formativos e os considera como os atores responsáveis por sua própria formação” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 361). Nesse sentido, o convite já se constitui um caminho para nossa reflexão, pois ele vem carregado de cientificidade e sensibilidade humana, a partir do qual o indivíduo já se percebe na centralidade do processo enquanto sujeito aprendente.

Nessa trajetória, a narrativa vai se encarregando de fazer das participantes as próprias personagens de suas vidas, possibilitando assim, dar uma história às suas vidas, haja vista que “[...] o que dá forma ao vivido e a experiência dos homens são as narrativas que eles fazem”. (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 363)

História de vida e formação: o olhar de si e do outro

Nesse movimento de narrativas biográficas surgem nas histórias de vida e formação das participantes pontos de convergência e divergências enquanto frutos de alegrias, sofrimentos, embates e conquistas, que por sua vez vão se misturando as lágrimas e aos sorrisos, permitindo um encontro marcado também pela configuração e (re)apropriação de biografia que se cruzam e misturam presente e passado, aos poucos trazendo clareza quanto ao desenho dos modelos formativos e, fazendo emergir um projeto de identidade e constituição de três professoras universitárias, mães de três e de dois filhos, esposas e alunas pós-graduandas, futuramente doutoras em Educação (*Rosa Vermelha, Caçadora e Tecelã*).

[...] ouvir a história do outro foi o momento mais significativo, me fez pensar o quanto vivemos diariamente um ritmo frenético que nos impede de enxergar os colegas, criar vínculos, ser colo que acolhe. Fui tocada pela história das colegas, me emocionei, ri muito, me aproximei, descobri pessoas (TECELÃ).

É a partir da atenção à história do outro, que de forma instantânea se descortinam as similaridades e diferenças entre os percursos, que vão possibilitando a percepção de si no outro, pois como afirma *Rosa Vermelha*, em um momento reflexivo, “o que somos é resultado de nossas existências no mundo e da vivência em coletividade”. Assim, a partir dos encontros preparados com zelo, respeito e acolhimento, os depoimentos das histórias de vida e formação foram desencadeando um olhar individual, mas também coletivo, com a intenção da valorização da escuta como imprescindível à produção biográfica científica, sem qualquer intenção de críticas destrutivas, mantendo-se o anonimato das participantes, sobretudo criando fortes vínculos afetivos, como narra a *Caçadora*:

[...] O encontro com outras caçadoras de um vilarejo vizinho: a válvula de escape... Grandes caçadoras, exímias guerreiras... uma é a ideota (cheia de ideias incríveis). Uma pessoa linda por dentro e por fora, a outra, é a

pesquisadora do Ateliê (linda, meiga, sensível, compromissada e humana), e a terceira, é a Rosa romântica (grande mulher, linda, singular e exemplo de mãe-leoa). São lindas e maravilhosas. Encontrá-las no vilarejo vizinho, representou mais do que uma válvula de escape: foi um encontro marcado por Deus. Pura jesuscidade! Vidas que se cruzam com grandes semelhanças: todas competentes caçadoras (CAÇADORA).

Os sentimentos de razão, emoção, alegrias, lágrimas, sorrisos e religiosidade foram sendo revelados, pois como afirma *a Tecelã*. no lindo bordado de sua vida, narrar a história de vida “[...] implica em voltar o olhar para como tenho me constituído gente, um bordado multicolor, feito a muitas mãos, tecido fio a fio, em vários pontos de encontros e desencontros, marcados pelo tempo”.

O Ateliê Biográfico de Projeto imprime significados para a vida e à formação docente, pois traz no seu bojo o constituir e o compartilhar de saberes que nessa tessitura vamos precisando “fazer diferentes pontos, entrelaçando personagens, afetos, aprendizagens e sonhos” (TECELÃ). Mediante essa perspectiva, o Ateliê, pode “ser aplicado em diversos setores da formação de adultos, adequado a públicos tanto universitários quanto profissionais, inscrever-se em ações de orientação ou reorientação profissional ou vir acompanhado de dispositivos de inserção” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 366).

Projetos futuros: prospectivando a vida

A narrativa, segundo Josso (2004) permite explicitar a singularidade e, com ela vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos, no sentido de que “[...] vias se abrem, não porque o passado foi reconhecido como tal e por si mesmo, mas porque a dinâmica prospectiva induziu uma história de si, que não está fechada sobre si, mas que dá lugar ao que virá, deixando emergir potencialidades projetivas”. (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 365).

Amplia e favorece ao projeto de formação continuada, pois na percepção da *Tecelã*, contribui para perceber que “[...] retraçar o percurso formativo é muito prazeroso. Nesse exercício fui analisando os episódios que marcaram a minha vida e quais aprendizagens me proporcionaram. Além disso, favoreceu sinalizar o projeto de continuidade”.

Para a *Caçadora*, representou um “[...] momento singular, que permitiu clarificar os projetos futuros, trazendo à memória sonhos adormecidos ou esquecidos.... Mas a certeza de que o sonho continua... trouxe a percepção de que a caça continua, porém... É mais fora de

mim, do que mesmo dentro de mim”. Nessa direção, a memória constitui-se como “[...] um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p.469).

O Ateliê traz, para além das narrativas e histórias de vida e de formação, a valorização da memória que é crucial, pois nela “cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar na forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”. (LE GOFF, 2003, p. 471).

Segundo *Rosa Vermelha*, ao refletir e descrever a narrativa autobiográfica foi proporcionada a oportunidade de reorganizar uma nova imagem identitária, reconstituída por si e pelos olhares contemplativos e descritos pelas participantes. Nesse sentido,

[...] continuo com a certeza que pretendo desenhar vários outros projetos formativos com participação de pessoas já tão amadas e queridas que já fazem parte dos projetos pessoais, profissionais e institucionais, e outras que vão surgindo naturalmente durante essa trajetória que está sendo percorrida nas estradas estreitas e longas desse meu projeto formativo. Diante dessas novas imagens retratadas nas estradas já percorridas e partir da minha inteira e gratificante participação no “Ateliê Biográfico de Projeto”, reorganizo meu próprio projeto em 3 pilares: a família, a docente/aluna e a pesquisadora (ROSA VERMELHA).

Para Delory-Momberger (2003, p. 367-368), o Ateliê Biográfico de Projeto não se trata de um “procedimento de desenvolvimento pessoal, nem forçosamente uma ação com intenção terapêutica”, todavia, percebemos tratar-se de um movimento contínuo de reflexividade sobre si e sobre o outro, numa postura hermenêutica a partir da qual, essencialmente, “a compreensão da palavra autobiográfica do outro se constrói no vínculo do ouvinte, ou do leitor, consigo mesmo e com sua própria construção biográfica” (ibidem, p. 368).

Conclusão

A participação no Ateliê Biográfico de Projeto permitiu-nos constatar que o movimento da abordagem narrativa considera a análise e potencializa os processos de formação dos professores, tendo em vista sua relevância para interpretar, envolver e (re)significar a experiência nas histórias de vida pessoal e profissional dos participantes.

Os fundamentos teóricos apontaram sobre a importância de rememorar as histórias de vidas, contribuindo para a formação e

desenvolvimento docente, considerando as análises tecidas durante o percurso formativo, trazendo sentido e significado para a ação dos professores. As leituras e vivências utilizadas durante as atividades narrativas evidenciaram elementos reflexivos e investigativos tecidos por movimentos autobiográficos que tomam a experiência do sujeito adulto como fonte de conhecimento e de formação.

Considera-se as mudanças e percepções sobre como as pessoas compreendem seu próprio percurso formativo partindo do pressuposto de que a narrativa pedagógica pode ter seu alicerce também na construção e constituição das experiências dos professores. Conclui-se que a história de vida compartilhada por participantes de um Programa de Pós-graduação em Educação permitiu uma apropriação por cada uma, individual e compartilhada, do seu próprio poder de formação, pois possibilitou a união e o entrelaçamento de diferentes momentos de vida espalhados e dispersos no decorrer das trajetórias de vida pessoal e profissional.

Referências

ANDRÉ, Marli. A pesquisa sobre formação de professores no Brasil – 1990-1998. In: **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa** / Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ANDRÉ, Marli et al. **Estado da arte da formação de professores no Brasil**. Educação e Sociedade, ano XX, n. 68, p. 301-309, dez. 1999.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

GATTI, Bernardete Angelina; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmaz de Afonso. **Políticas Docentes no Brasil: Um Estado da Arte**. Brasília: UNESCO, 2011.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre. UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em 12/08/2017.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora UNICAMP, 2003, p.419-476.

MAIA, Tatiane Cristina dos Santos da; HOBOLD, Marcia de Souza. **Estado da Arte sobre formação de professores e trabalho docente**. Psicologia da Educação, São Paulo, 39, 2º sem. de 2014, p. 3-14.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social**. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; _____ (Orgs.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

